

GEOGRAFIA E ECONOMIA: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ECONÔMICA NO INTERIOR DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO*

Flaviana Gasparotti Nunes**

Resumo: No presente artigo procuramos discutir a Geografia Econômica enquanto área de convergência do pensamento econômico e do pensamento geográfico a partir de uma reflexão sobre a sua história no interior do pensamento geográfico. Neste sentido, esperamos contribuir para o campo de investigação relacionado à epistemologia da Geografia que tem sido pouco explorado em termos de pesquisas e reflexões por parte dos geógrafos.

Abstract: The present paper has the intention of discussing Economic Geography as a join field of Economic and Geography thoughts starting out from a reflexion about its history inside of geographical thought. In a sense of this, we hope for contributing to investigation into epistemology of the Geography wich hasn't been explored properly in academic researching and reflexions by Geographer.

Palavras-chave: Geografia Econômica, epistemologia, pensamento geográfico.

Keywords: Economic geography; epistemology; geographical thought.

Introdução

Refletir sobre a própria ciência enquanto um campo disciplinar que necessita de discussões internas para poder avaliar ou mesmo sistematizar sua produção, suas idéias e pensamentos sobre as várias

* Este artigo apresenta parte das principais discussões e reflexões realizadas no capítulo 1 de nossa dissertação de Mestrado intitulada: *A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas em pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998)* orientada pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP em Fevereiro de 2000.

** Professora do Curso de Geografia da UNIOESTE – campus de Marechal Cândido Rondon e doutoranda em Geografia pela FCT/UNESP – Presidente Prudente.
E-mail: flaviananunes@muranet.com.br.

temáticas e questões que aborda é algo que tem sido pouco realizado na Geografia.

Nos últimos anos a Geografia tem se dedicado a abordar e discutir sob o seu enfoque, sua leitura específica, os temas e questões da sociedade e do espaço contemporâneo tais como a questão agrária em geral, os ditos problemas urbanos, a questão ambiental, os movimentos sociais, o trabalho, as mudanças na esfera produtiva a partir de um novo paradigma econômico-produtivo, entre outros. No entanto, notamos que poucos são os estudos voltados à discussão e reflexão sobre a história do pensamento geográfico ou mesmo sobre a epistemologia dessa ciência.

Com esta preocupação nos lançamos no desafio de pesquisar e refletir sobre este campo “esquecido” da ciência geográfica, na medida em que acreditamos na necessidade que toda ciência possui de realizar reflexões internas sobre o seu pensamento, sua produção para que possa avaliar e (re)pensar seus caminhos.

Neste sentido, também podemos pensar na própria interlocução ou mesmo na proximidade que as ciências humanas podem apresentar. No caso da Geografia esta proximidade é bastante evidente, visto que a produção do espaço envolve elementos econômicos, sociais, políticos, culturais e possui uma dimensão histórica imprescindível para o entendimento destes elementos.

Tendo em vista estas questões, procuraremos, neste trabalho abordar uma das áreas da Geografia, no caso, a Geografia Econômica tentando refletir sobre sua história no interior do pensamento geográfico, bem como a partir desta história buscar uma aproximação com a ciência econômica.

A Geografia Econômica no pensamento geográfico

Há poucas referências à Geografia Econômica e sua história especificamente na história do pensamento geográfico. Em um ou outro momento encontramos um dado ou uma citação referente a este campo da Geografia o que tornou difícil, para nós, uma reconstituição mais detalhada desta história.

Sobre a origem do termo Geografia Econômica, segundo WOOLDRIDGE e EAST (1967) parece ter sido utilizado pela primeira vez pelo alemão GOTZ (1882)¹ para distinguir seus trabalhos de

¹ Os autores não mencionam o ano/época deste fato, mas LUTGENS (1954: p.4) coloca esta data.

Geografia Comercial. A Geografia Comercial servia como uma espécie de material de consulta pois não passava de afirmações sobre fatos, com dados históricos e estatísticos acerca da situação, magnitude e processos concernentes à produção e troca de mercadorias.

Os autores afirmam que:

Na opinião de Gotz, a Geografia Econômica seria a Geografia Comercial tratada do ponto de vista das relações de causalidade. Seu objetivo seria o estudo científico das áreas do mundo, com respeito à influência direta que exercem sobre a produção de mercadorias. Nesse particular, definiu-se um longo caminho que muitos geógrafos especialistas em Geografia Econômica trilharam, buscando verificar, acima de tudo, a influência dos fatores de ordem física sobre as ocupações, os produtos e, de modo mais geral, a vida dos povos estabelecidos nas diferentes partes do globo. Trata-se, pois, de uma tarefa eminentemente geográfica e relacionada de maneira direta como o campo da Geografia Geral, possuindo bastante em comum com o mesmo. Procura estabelecer para o mundo, considerado como um todo, a natureza e o fundamento lógico de suas diferenciações regionais. (...) (WOOLDRIDGE E EAST, 1967: 09)

Tomando-se por base os períodos e escolas constituintes da Geografia moderna², podemos dizer que a origem da Geografia Econômica está vinculada à Escola Francesa que teve como principal expoente Paul Vidal de La Blache.

La Blache acentuou o propósito humano da Geografia vinculando todos os estudos à Geografia Humana (MORAES, 1986: 72) propiciando uma distinção em relação à Escola Alemã de Humboldt, Ritter e Ratzel que de uma forma geral dava maior importância aos elementos naturais. No caso de Ratzel isso se deve ao fato de suas idéias se desenvolverem a partir da relação homem-meio pela perspectiva do meio como elemento central para se pensar as condições humanas.

Na verdade, a proposta de La Blache foi uma espécie de “reação” às idéias da Escola Alemã na medida em que colocava o homem como ser ativo que sofre a influência do meio, porém atua sobre este transformando-o.

Podemos dizer que os fatos econômicos dentro da proposta de La Blache eram uma consequência do humano. Desta forma, as atividades

² Não é nosso objetivo neste trabalho fazer uma trajetória detalhada da evolução do pensamento geográfico. Para uma visão mais ampla deste assunto com as características e principais idéias desses períodos e escolas (CAPEL, 1981).

econômicas como comércio e circulação são vistos como fatores do desenvolvimento humano. Na obra *Princípios de Geografia Humana* (LA BLACHE, 1954), após falar da distribuição do homem no globo e das formas de civilização, La Blache destaca a circulação de forma a mostrar a importância dos progressos dos meios de transporte para o desenvolvimento econômico. Vejamos o que ele fala:

Quaisquer que tenham sido as modificações trazidas pelos caminhos-de-ferro, ligam-se mais ao passado do que o substituem. Importa ter em grande consideração o que previamente as estradas haviam levado a termo, as conseqüências a que tinham dado origem e que persistem através dos factos econômicos da idade atual. Por exemplo, a indústria moderna enxertou-se muito freqüentemente nas relações criadas pelas estradas. Se muitas das cidades industriais européias puderam conservar sua vitalidade, apesar das vicissitudes a que tiveram expostos os seus gêneros de trabalho, devem-no à posição de que desfrutavam em estradas freqüentadas desde remotos tempos pelo comércio. (...) (LA BLACHE, 1954: 317-318)

A partir das idéias de La Blache, dentro da Geografia Francesa desenvolveram-se os estudos regionais³ e a Geografia Regional tornou-se a mais usual perspectiva de análise geográfica. Com a grande quantidade de estudos regionais iniciaram-se as especializações que tentavam uma reunião de certos elementos levantados em tais estudos, como o agrícola, urbano etc.

Dentre estas especializações tem-se a Geografia Econômica que inicialmente privilegiou como objeto de análise a vida econômica de uma região, discutindo os fluxos, o trabalho, a produção, etc, articulando população, comércio, indústria, transportes, entre outros elementos do quadro regional⁴.

Pode-se dizer que a Geografia Econômica contentava-se, então, com o reconhecimento da “vida econômica regional” e suas formas correspondentes através de fenômenos que se manifestavam em escalas maiores, sendo facilmente identificáveis nas observações empíricas cujas lógicas internas eram explicadas pela interdependência funcional dos elementos e fatores.

³ O conceito de região foi explicitado pela Escola Francesa como uma unidade de análise geográfica que exprimia a forma de os homens organizarem o espaço terrestre; seria uma escala de análise dotada de individualidade em relação à áreas limítrofes (MORAES, 1986:75).

⁴ Para termos uma idéia de como isso ocorreu basta pegarmos, por exemplo, os índices dos trabalhos de Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo.

A partir dos pressupostos gerais de La Blache alguns autores desenvolveram estudos específicos nos quais encontramos a preocupação com as questões econômicas.

Neste caso, podemos citar A. Demangeon (1872-1940) que revelou a problemática econômica enfatizando as instalações humanas em relação às atividades produtivas e Camille Vallaux por entender que a Geografia deveria estudar o “quarto estado da matéria”, aquele criado pelo trabalho humano, portanto resultante das atividades produtivas.

Mesmo tendo exercido pouca influência na Geografia francesa oficial e não seguir a proposta lablachiana, acreditamos que Elisée Reclus (1830-1905) é um nome que deve ser lembrado quando se fala da discussão de questões econômicas na Geografia. Segundo Lacoste⁵, Reclus já levantava em sua época o problema do desenvolvimento industrial, da análise das estruturas econômicas, políticas e sociais nos estudos geográficos. Neste sentido, ao referir-se ao papel de Reclus na Geografia francesa, Capel destaca que:

(...) Reclus pone de manifiesto, una y outra vez, el papel de la organización social en la producción y en la organización del espacio geográfico, e incorpora decididamente temas que a veces tardarían en ser incluidos en la tradición geográfica: el problema de la defectuosa explotación de la tierra como resultado de la estructura social de la propiedad o de la explotación; el tema de la colonización y el imperialismo europeo; la incidencia del mercado mundial en la actividad y en la vida de los productores; la situación social de la población urbana y rural; la inadecuada distribución de los recursos terrestres, que él considera suficientes para alimentar la población mundial. (...) (1981: 305)

Outro momento em que podemos destacar a Geografia Econômica no pensamento geográfico refere-se à década de 1950. A partir da Segunda Guerra Mundial o capitalismo sofre mudanças no que diz respeito à divisão social e territorial do trabalho e isso se reflete nas ciências, principalmente nas ciências humanas tendo em vista o progresso de seus suportes, as necessidades dos utilizadores e o próprio objeto. O progresso na automação trouxe, então, a necessidade de buscar alternativas que respondessem às novas exigências. (SANTOS, 1980).

A Geografia neste momento começa a assistir a essa busca de alternativas em seu interior tendo como uma das principais expressões o surgimento da chamada Nova Geografia dentro do movimento de renovação.

⁵ Citado por ANDRADE (1985: 26).

A Nova Geografia, como afirma SANTOS (1980) quer marcar distância em relação à Geografia Clássica constituindo-se num novo paradigma, num novo método, utilizando-se de uma nova linguagem na tentativa de sobrepor-se às chamadas “escolas nacionais”.

Claro que, como é sabido, a New Geography provocou reações que iam desde sua defesa incondicional até seu total repúdio. Esse repúdio e as críticas mais veementes vinham em função do papel ideológico e pragmático que se revestia essa Geografia. Como afirma CORREA (1987)⁸ a Nova Geografia tinha função de justificar a expansão capitalista e escamotear as transformações por meio de sua ação pragmática e de planejamento do Estado capitalista.

A crítica de SANTOS (1980) vai no mesmo sentido, ou seja, do comprometimento de sua manifestação quantitativa valorizando o empírico e o ideológico.

Dentro deste contexto, a Geografia Econômica pautou-se exclusivamente na utilização de modelos hipotéticos sem priorizar a compreensão ou explicação da realidade.

Desta forma, os modelos propostos por Lösch, von Thünen e Christaller foram incorporados e particularizados aos estudos geográficos temáticos tomando-os como generalizadores de explicações que tentavam ajustá-los indiscriminadamente à realidade. Dentro desta escola, a Geografia Econômica adotou os modelos propostos demonstrando os mesmos problemas e limitações impostas por eles em sua aplicação aos fenômenos dinâmicos do espaço⁶.

Ainda no contexto do movimento de renovação da Geografia, na vertente conhecida como crítica, principalmente para a Geografia Econômica, destaca-se o nome de Pierre George. A partir das transformações ocorridas na Geografia Regional Francesa que se aproximava mais da História e da Economia, George introduziu alguns conceitos de formação e/ou inspiração marxista na discussão geográfica como relações de produção, relações de trabalho, capital e forças produtivas.

Inclusive deve-se ressaltar que sua obra “Geografia Econômica” foi um marco importante para a época embora tenha sido posteriormente criticada.

OLIVEIRA (1982) afirma que nesta obra, George fala da forma sem se envolver com o conteúdo, abstraindo conceitos como modo de

⁶Como exemplo de trabalhos seguindo esta linha, especificamente no Brasil, podemos citar grande parte dos artigos de Speridião Faissol publicados durante a década de 1970 na Revista Brasileira de Geografia (IBGE).

produção, classes sociais e luta de classes que são fundamentais para se entender o econômico enquanto infra-estrutura econômica da sociedade⁷.

Além disso, para a realização e discussão dos temas adota-se uma postura aparentemente neutra.

Para OLIVEIRA a chave para a compreensão da obra de George está no fato de que o autor utiliza-se de conceitos do materialismo histórico articulando-os segundo o método histórico da economia (um choque teórico-metodológico na sua prática teórica).

Desta forma, seria uma orientação na qual a história segue uma linearidade evolucionista, não havendo grandes rupturas sendo que todo funcionamento das dinâmicas econômicas e sua relação com o espaço seguiria esta linearidade, não permitindo que as contradições presentes nestas dinâmicas produzam grandes rupturas. Isto não significa demérito para a obra de George, mas é importante destacar seus limites no âmbito da Geografia e da Geografia Econômica.

Quanto à Geografia Econômica brasileira, em particular, segundo SILVA (1988: 32) esta *“desenvolveu-se segundo quatro temas que foram sucessivamente se impondo em vista das transformações ocorridas nos últimos trinta anos”*.

Segundo o autor esses temas seriam: 1) recursos naturais e posteriormente recursos humanos que se desenvolveram a partir da década de 40 quando com o início da implantação da indústria de base no Brasil, os problemas da agricultura e pecuária começaram a ganhar dimensões diferentes da perspectiva da industrialização; 2) produção e circulação que foi introduzido na década de 50 levantando-se a questão da localização de atividades relacionadas ao sistema econômico tendo em vista as variáveis geográficas; 3) desenvolvimento e subdesenvolvimento que surgiu na década de 60 e início da década de 70 discutindo os problemas anteriores de recursos e de produção e circulação sob o prisma desta questão e 4) problemas referentes à organização do espaço que foi introduzido na década de 70 englobando os anteriores, principalmente a teoria da localização que passa a ser vista como parte da problemática regional.

Com relação ao momento mais recente, na sequência procuraremos mostrar as questões atuais da Geografia Econômica em termos de definição de objeto, temáticas etc.

No entanto, já devemos lembrar que a partir da década de 1980 a Geografia brasileira viveu um momento de grandes mudanças e rupturas

⁷ Para este entendimento toma-se por base, como instrumento de análise, como faz Oliveira, o materialismo histórico dialético tal como Marx.

teórico-metodológicas que podem ser observadas na Geografia Econômica pelas temáticas tratadas e forma de abordagens destas.

Já nos fins da década de 1980 e início da década de 1990 com as mudanças na economia global, nas estruturas das relações de poder e a chamada crise paradigmática do mundo moderno⁸ a Geografia Econômica passa a se preocupar, então, com as questões que envolvem esse mundo em mutação. Dessa maneira, a partir do novo paradigma técnico-econômico baseado na informação surgem novos processos e temas como a reestruturação industrial, acumulação flexível, flexibilização das relações de trabalho, entre outros.

Quanto ao referencial teórico-metodológico adotado, assim como na Geografia em geral notamos a permanência do materialismo histórico dialético mas já apontando para novas tendências que ainda estão sendo delineadas.

As definições de Geografia Econômica

Na história do pensamento geográfico também podemos identificar como a Geografia Econômica foi sendo concebida em cada momento a partir das próprias definições dadas a esta área. Neste sentido, para esta reflexão nos baseamos majoritariamente nas definições de Geografia Econômica encontradas na bibliografia existente, principalmente em Manuais verificando que nos últimos anos (décadas de 1980 e 1990) muito pouco foi publicado neste sentido, ou seja, definindo ou refletindo sobre a Geografia Econômica.

Sendo assim, segue-se uma tentativa de reflexão sobre a Geografia Econômica a partir dos elementos contidos nas definições de diferentes autores.

Vejamos o que diz GEORGE (1983:1)⁹:

A Geografia Econômica tem por objeto o estudo das formas de produção e o da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial (1983, p.1)

⁸ Para mais detalhes sobre esta questão ver: MOREIRA, 1993. Nesta obra o autor discute essa questão destacando o papel do Estado, da técnica e da própria cultura técnico-científica baseada no paradigma cartesiano-newtoniano no interior da crise do capitalismo do final do século XX..

⁹ Aqui chamamos atenção para o fato de que a primeira edição desta obra em português é de 1961.

Seguindo esta mesma orientação teórica de GEORGE, temos várias outras bastante semelhantes:

(...) A finalidade desta disciplina será o estudo das formas de produção e localização do consumo dos diferentes artigos em conjunto mundial. (TORRES e SAENZ, 1972:13)

(...) a preocupação especial do especialista em Geografia Econômica relaciona-se com a distribuição espacial das atividades produtivas; a tarefa dele consiste em estabelecer e analisar modelos de áreas desta distribuição e chegar, se possível, as explanações válidas das mesmas. (ESTALL e BUCHANAN, 1971:15)

Embora anteriores, as definições abaixo também mostram a preocupação com os mesmos elementos:

(...) é a parte da Geografia Humana que estuda a localização das riquezas naturais e dos bens materiais criados pelo homem na superfície terrestre, levando em conta as influências que exercem sobre esta e o meio físico e a atividade humana. (REPETTO, 1959:173)

(...) *A Geografia Econômica é o estudo da relação dos fatores físicos do meio com as condições econômicas das ocupações produtivas e da distribuição que se produz.* (JONES e DARKENWALD, 1955: 20)

O aspecto que destacamos nestas definições é a grande ênfase dada à localização do consumo e das formas de produção em escala mundial. Nem tanto para as formas de produção (geralmente entendidas apenas no “como se produz” sem levar em consideração elementos estruturantes do processo de produção) e mais para a localização em escala mundial. Desta forma, pode-se dizer que a Geografia Econômica preocupava-se com o “o que e onde” se produz identificando e localizando fatos de natureza econômica.

Destaca-se que a definição de REPETTO chama atenção para a questão das influências. A de ESTALL e BUCHANAN (1971) aponta a análise de modelos¹⁰.

Dentre as definições encontradas, a de MANNERS (1976) nos parece a mais inovadora no sentido de que lança elementos novos como as diferencialidades; ele fala em “caráter variável da vida econômica” e as

¹⁰ Aqui deve-se levar em consideração o momento por que passava a Geografia enfatizando as abordagens modelísticas e sistêmicas.

próprias relações existentes entre os diferentes espaços de produção, consumo, circulação, enfim, das atividades econômicas, embora também utilize-se da descrição:

Os geógrafos econômicos procuram compreender, pela descrição e análise, o caráter variável da vida econômica, sobre a face da terra e os intercâmbios espaciais correlatos. (MANNERS, 1976:15)

A questão da localização da produção e do consumo é sem dúvida, o ponto central da Geografia Econômica segundo as definições apresentadas.

Qual seria, então, o papel da Geografia Econômica? Com base nestas definições, a Geografia Econômica seria responsável pelo mapeamento das atividades produtivas na superfície terrestre dando ênfase às “semelhanças e diferenças de região para região, pequenas e grandes regiões e nas relações entre estas” (THOMAN, 1968 apud MEGALE). Desta forma, a Geografia Econômica encarregar-se-ia de localizar e descrever as atividades econômicas/produtivas (produção, distribuição e consumo) sobre a superfície terrestre de forma a caracterizá-las.

MEGALE (1975:08) afirma que “(...) a Geografia Econômica é a parte da ciência geográfica tendo seu aspecto espacial definido quanto à sua relação com a economia”. Embora sua definição seja um pouco vaga ou não muito clara, MEGALE chama atenção para a relação com a Economia dando um caráter menos generalizante à Geografia Econômica.

Neste sentido, lembramos o que Milton Santos (1980) também aponta quanto às relações e mesmo contribuições que a Geografia pode trazer à Economia:

A própria geografia pode contribuir para a evolução conceitual de outras disciplinas, a economia, por exemplo, e isso se tornou muito mais evidente depois que a economia neoclássica se impôs escolasticamente e também politicamente, como instrumento essencial à difusão capitalista. Como a economia neoclássica é por definição, uma abstração em relação ao homem e ao meio geográfico, os estudos geográficos ganharam assim novas condições para colaborar no aperfeiçoamento de muitos dos conceitos econômicos. (SANTOS, 1980:102)

É ROCHEFORT (1998:44-45) quem faz uma clara relação entre espaço e economia:

(...) A economia se inscreve no espaço por lugares onde se faz a produção, quer seja a produção primária (como para a borracha, as plantações de

héveas), a produção industrial (isto é, a localização da fábrica onde se opera a transformação de matérias-primas em produtos acabados), a produção terciária (por exemplo, o local onde fisicamente está implantada a filial bancária que recebe o cliente). Esta é uma primeira relação entre economia e espaço. A segunda é a localização das direções desses três tipos de estabelecimentos. (...)

A relação apontada por ROCHEFORT parece voltada ao entendimento de Geografia Econômica predominante nas definições anteriormente destacadas na medida em que enfatiza a questão da localização. Podemos, então, perceber uma restrição da Geografia Econômica aos aspectos da distribuição dos fatos econômicos no território, ou seja, aos elementos visíveis e aparentes que se materializam em determinada porção do território.

Os estudos de Geografia Econômica, portanto, consideravam as paisagens econômicas numa perspectiva estática, sem buscar as relações e os cruzamentos que as diferentes instâncias mantêm através dos agentes, instituições, governos e mercados, em diferentes níveis e escalas.

Mas e a discussão do que está além dos aspectos visíveis? E os processos e relações desencadeadoras dessa materialidade? Não caberia à Geografia Econômica a discussão de tais questões deixando de fazer tão somente uma análise empírica e descritiva?

Na sequência procuraremos pontuar algumas questões que julgamos importantes para avançarmos numa definição de Geografia Econômica que procure contemplar a preocupação acima colocada.

Como pensar a Geografia Econômica no momento atual

A partir das definições de Geografia Econômica apresentadas acima e suas limitações, tentaremos neste momento identificar e pontuar com maior precisão a abrangência de suas preocupações enquanto campo/área da Geografia. Isto não significa que traremos uma nova definição de Geografia Econômica, mas sim refletiremos sobre a validade de determinados elementos na caracterização da Geografia Econômica como contribuição à sua atualização.

A Geografia Econômica sustenta-se primeiramente por apresentar uma característica básica: a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais.

Sendo assim, devemos ter claro que a Geografia Econômica procura fazer uma análise geográfica dos fatos econômicos que estão presentes nas diferentes formas espaciais que são produto e condição para o desenvolvimento das forças produtivas e de suas relações determinantes/conseqüentes.

De um modo geral, poderíamos dizer que o enfoque econômico no trabalho geográfico relaciona-se à espacialidade dos fatos econômicos, visto que esses fatos têm a capacidade de se expressar e materializar no espaço.

Neste sentido, deve-se ressaltar a importância do “geográfico” em processos histórico-estruturais como os de aprofundamento e complexificação da divisão do trabalho e da reprodução ampliada do capital, além do comparecimento não neutro do território nos processos de (re)estruturação de mercados ou de reconfiguração de objetos, métodos e processos associados à produção e às novas formas de organização, controle e regulação do trabalho envolvendo agentes tais como firmas, corporações, ramos e indústrias, sindicatos, entre outros. (MAGALDI, 1996)

BENKO (1996) fala em comportamento geográfico das atividades econômicas e discutindo o que denomina de Geografia Econômica contemporânea chama atenção justamente para as questões que não dizem respeito apenas ao sistema produtivo em si, mas ao papel de alguns conceitos e questões como modo de regulação, modelo de desenvolvimento, paradigma tecnológico, entre outros para a compreensão da organização territorial da produção contemporânea. Em outras palavras, não basta localizar a produção, a Geografia Econômica deve buscar explicar o movimento dessa produção e o conjunto de elementos envolvidos que produzem as diferentes configurações espaciais que principalmente neste final de século apresentam grandes mudanças. Compreender essas mudanças em nível espacial seria, então, o papel da Geografia Econômica.

Fazendo um balanço da Geografia Econômica nas últimas décadas, MARTIN (1996) afirma que até a década de 1980 a Geografia Econômica organizou-se em torno de dois programas de pesquisa básicos: a dinâmica da localização industrial e o processo de desenvolvimento regional desigual utilizando conceitos e teorias da economia neoclássica, de Keynes e de Marx e que essa situação tem mudado nos últimos anos principalmente porque as bases teóricas estão sendo contestadas. Segundo MARTIN:

(...) Nenhuma das principais escolas de economia – neoclássica, keynesiana ou marxista – explica adequadamente os acontecimentos e mudanças das últimas duas décadas, e, à medida que esses principais paradigmas ficaram como que sitiados, houve um avanço nas revisões, reformulações e perspectivas alternativas propostas. (...) (1996: 33)

Além disso, a economia está em mutação havendo um novo paradigma técnico-econômico baseado na informação e com ele novos processos e temas (reestruturação industrial, relações de trabalho, entre outros). Portanto, não vivemos mais o paradigma da economia industrial, ele não é mais capaz de explicar a realidade, e com isso, a Geografia Econômica precisa buscar outros referenciais. Neste sentido, aponta a necessidade de se fazer uma Geografia Econômica de múltiplas dimensões considerando quatro níveis: microeconomia de indivíduos e empresas, macroeconomia do estado-nação, a economia do capital e as finanças transnacionais e a economia global ou mundial (MARTIN, 1996:56).

De qualquer maneira, percebe-se que o espaço a ser considerado é essencialmente o espaço para reprodução do capital, na medida em que a constituição do espaço em sentido amplo tem como princípio básico a dinâmica do sistema capitalista e suas diversas variáveis.

Destacamos, então, a existência de uma base econômica fundamental em fatos que se expressam espacialmente, ou seja, o econômico não é a única determinação, mas é uma condição básica para os processos e fenômenos espacializáveis.

Diante do exposto, percebemos que alguns elementos se revelam importantes para o entendimento dos fatos econômicos na análise geográfica. Dentre esses podemos destacar: produção, circulação, consumo, relações capital/trabalho, movimento/dinâmica, contradição, Estado e classes sociais.

Neste sentido, a busca de uma atualização da Geografia Econômica, mesmo levando-se em consideração a nova estrutura econômico-produtiva mundial e as temáticas e situações conseqüentes desta, ainda deve ter tais elementos como centrais para suas análises e interpretações. Processos como produção, circulação e consumo, por exemplo, embora possam apresentar novas configurações e dinâmicas ainda continuam sendo importantes para se explicar as atuais realidades econômico-espaciais. Assim, também, as relações capital-trabalho, o papel do Estado e as relações de classe, sempre procurando considerá-los dentro de uma dinâmica que é contraditória (a dinâmica do capital).

Considerações Finais

Como pudemos verificar por meio dos elementos e idéias encontradas na história do pensamento geográfico, a Geografia Econômica passou por mudanças significativas no que diz respeito aos seus objetivos e formas de análise das questões econômicas.

Claro que de certa forma, isso acompanhou as próprias mudanças paradigmáticas que a Geografia de modo geral sofreu principalmente a partir da década de 1980. No entanto, a Geografia Econômica também precisou acompanhar e estar em sintonia com as mudanças ocorridas na esfera produtiva, ou seja, precisou rever seus próprios temas e preocupações e não só seu referencial teórico-metodológico.

Desta forma, se inicialmente a Geografia Econômica caracterizava-se pelo mapeamento e localização das atividades econômicas em nível mundial, hoje sua atenção deve voltar-se à explicação do movimento da produção mundial e do conjunto de elementos envolvidos que produzem as diferentes configurações espaciais.

Além disso, entender a produção mundial atualmente implica em pensar no papel de alguns conceitos e questões como modo de regulação, modelo de desenvolvimento, paradigma tecnológico, entre outros, o que cada vez mais nos traz a necessidade de compartilhar as discussões travadas pelos economistas, principalmente no campo da Economia Política.

A aproximação Geografia e Economia, neste sentido, pode ser de “mão-dupla” pois como já alertava SANTOS (1980:102) a Geografia também pode trazer contribuições à Economia na medida em que seu objeto é o espaço concebido como produto e condição da relação sociedade-natureza.

Pode-se dizer que para a Geografia Econômica o econômico passou de “fato” ou tema de estudo e tornou-se um elemento explicativo de processos maiores que ajudam a compreender a produção do espaço em sentido amplo e não apenas restrito aos seus aspectos econômicos. Neste sentido, a aproximação deve ser muito mais rica, podendo haver mesmo a possibilidade de um diálogo entre as duas ciências.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manoel C. de. *Geografia Econômica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1983.

- _____. (org.). *Elisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.
- BENKO, Georges. *Economia, Espaço e Globalização – na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAPEL, Horácio. *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CORREA, Roberto L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 1987.
- ESTALL, R.C.; BUCHANAN, R. O. *Atividade industrial e Geografia Econômica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- GEORGE, Pierre. *Geografia Econômica*. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1983.
- JONES, Clarence F.; DARKENWALD, G. G. *Geografia Econômica*. 4ª ed. Cid. México: Fondo de Cultura Econômica, 1955.
- LA BLACHE, Paul V. de. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos, 1954.
- LERNER, Icael. *Geografía Económica General*. Buenos Aires: Ciências Econômicas, 1957.
- LUTGENS, Rudolf. *Los Fundamentos Geográficos y los Problemas de la Vida Económica*. Barcelona: Omega, 1954.
- MAGALDI, Sérgio B. *Geografia Econômica: revendo temas e conceitos*. In: MELLO, Jayro G. (org.) *Região, Cidade e Poder*. Presidente Prudente: GASPER, 1996.
- MANNERS, G. *Geografia da energia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MARTIN, Ron. *Teoria Econômica e Geografia Humana*. GREOGORY, Derek et alli (orgs.) *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, pp.31-64.
- MEGALE, Januário F. *A Bananicultura no Litoral Paulista: um estudo de Geografia Econômica*. São Paulo, 1975. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.
- MORAES, A. C. R. de. *Geografia : pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MOREIRA, Ruy. *O Círculo e a Espiral – a crise paradigmática do mundo moderno*. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993.
- OLIVEIRA, A. U. de. O econômico na obra *Geografia Econômica* de Pierre George: elementos para uma discussão. In: MOREIRA, Ruy (org.) *Geografia: teoria e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 23-32.
- REPETTO, Luís G. *Geografía Económica General*. 2ª ed. Buenos Aires: Kapeluz, 1959.
- ROCHEFORT, Michel. *Redes e Sistemas – Ensinando sobre o urbano e a região*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SILVA, Armando C. da. *O Espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec, 1988.

TORRES, Antonio P.; SAENZ, Alfredo. *Geografía Económica*. Barcelona: Ramon Sopena, 1972.

WOOLDRIDGE, S.W.; EAST, G. W. *Espírito e Propósitos da Geografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Resenha

